

Álvaro de Campos

**A coisa estranha e muda em todo o corpo,**

A coisa estranha e muda em todo o corpo,  
Que está ali, ebúrnea, no caixão,  
O corpo humano que não é corpo humano  
Que ali se cala em todo o ambiente;  
O cais deserto que ali aguarda o incógnito  
O assombro álgido ali entreabrindo  
A porta suprema e invisível;  
O nexo incompreensível  
Entre a energia e a vida,  
Ali janela para a noite infinita. . .  
Ele — o cadáver do outro,  
Evoca-me do futuro  
[Eu próprio dois?], ou nem assim. . .  
E embandeiro em arco a negro as minhas esperanças  
Minha fé cambaleia como uma paisagem de bêbedo,  
Meus projectos tocam um muro infinito até infinito.

1926?

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 64.